Acervo ISA

SMITH, S. Percy (1892). *Futuna: Horne Island and its people, Western Pacific. JPS* 1:33-52.

SPENCER, B. & GILLEN, F. J. (1904). *Northern tribes of central Australia.* London.

SPIETH, Jakob (1906). *Die Ewe-Stamme.* Berlim.

TREGEAR, Edward (1904). *The Maori race.* Wanganui, N.Z.

USENER, Hermann (1896). *Gottemamen.* Bonn.

VALETON, (1889). 'De modis auspicandi Romanorum.' *Mnemosyne* 17:275-325.

VALDE, Alois (1905-6). *Lateinisches Etymologisches Worterbuch.* Heidelberg.

WELLHAUSEN, Julius (1897). *Reste des arabischen Heidenthums.* Berlim.

WHITE, John (1887-90). *Ancient History of the Maori: his Mythology and Traditions.* (6 vols). Wellington.

WILSON, Daniel (1891). *Lefthandedness.* London.

ZELLER, Eduard (1876). *Die Philosophie der Griechen.* Leipzig.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data 25 / 10 / 88
cod 53D00646

Ensaio

UM EXÉRCITO DE ANJOS

AS RAZÕES DA MISSÃO NOVAS TRIBOS

Rubem César Fernandes

Maio de 1980

Este trabalho foi possibilitado por uma bolsa de pesquisa da Fundação Ford. Agradeço os comentários dos colegas do CEDOPI (Centro de Documentação e Pesquisa Indígena) da UNICAMP, assim como aos membros do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Procurei aproveitar as suas sugestões, sobretudo aquelas que foram feitas por Carlos Alberto Ricardo e por Anthony Seeger.

Por que os indígenas são tão atraentes para os protestantes norte-americanos? Nossos departamentos de antropologia costumam dar-se por satisfeitos quando um colega chega a passar seis meses "no campo". A FUNAI padece com a carência de quadros para o trabalho de base e mal consegue preencher as posições de chefia nos postos já instalados. Mas as agências de missão protestante não parecem ter problemas de pessoal — há sempre recursos disponíveis e uma longa lista de candidatos à espera da licença oficial para fazer mais uma entrada na mata.

Acervo ISA

Este fenômeno é notável no próprio contexto das instituições missionárias. Em 1975 contou-se 620 agências de missão protestantes na América do Norte, as quais estão destinadas a uma gama variadíssima de funções. Há "missão" especificada para praticamente cada fatia imaginável do bolo social de além mares, e cada denominação possui um departamento de missões que coordena um colorido leque de vocações missionárias. No entanto, entre as dez maiores agências em 1975, duas dedicavam-se exclusivamente à conversão dos "selvagens", a Wycliffe Bible Translators (nome religioso do Summer Institute of Linguistics) em primeiro lugar, e a New Tribes Mission em sétimo. (Quadro 1)

QUADRO 1

NÚMERO DE MISSIONÁRIOS NAS 10 MAIORES AGÊNCIAS NORTE-AMERICANAS

	1975 (a)	1972 (b)	1938 (c)
1. Wycliffe Bible Translators	2.693	2.200	25
2. Southern Baptista Foreign Mission Board	2.667	2.507	405
3. Seventh-day Adventist General Conference	1.360	1.546	1.240
4. Churches of Christ	1.296	1.623	nc
5. Assemblies of God	1.081	967	230
6. Baptist Mid-missions	905	511	nc
7. New Tribes Mission	893	701	(d)
8. The Evangelical Alliance Mission (TEAM)	892	992	nc
9. Christian and Missionary Alliance	790	803	447
10. United Methodist Church	788	951	1.346

FONTES: (a), (b) **Mission Handbook**, 11th Ed. (c) Park, 1938

OBSERVAÇÕES: (nc) "não consta". (d) fundada em 1942
NOTA: Nesta lista, somente a décima colocada é predominantemente orientada por uma teologia liberal. As demais são fundamentalistas, evangelicais, pentecostal ou adventista. Números 1 e 7 são independentes; número 8 é filiada à IFMA; número 9 é filiada à EFMA; as demais são denominacionais.

As informações sobre o caso brasileiro confirmam a prioridade indígena nos planos evangélicos. Num levantamento publicado em 1973, revelou-se que de 1.317 membros das "Missões de Fé" (categoria que definimos adiante) no Brasil, 480 trabalhavam com índios. Em outras palavras: 36,5% dos missionários mais militantes dedicavam-se a uma parcela menor do que 0,5% da população brasileira. (READ, William e Ineson, 1973). Trata-se, sem dúvida, de uma estratégia intrigante que provoca dúvidas entre os próprios ideólogos da Missão.

Um dos maiores centros de missiologia dos Estados Unidos está radicado em Pasadena, Califórnia, na Universidade de Fuller. Seus membros são mestres na ciência da computação e analistas refinados das variáveis sociais que favorecem ou prejudicam a obra missionária. Tomando o número de conversões como indicador da eficiência do trabalho, fazem cálculos que visam orientar a estratégia das agências de missão. O especialista em Brasil, William Read, tem publicado obras importantes onde questiona a ênfase indigenista no caso brasileiro. Em síntese, acredita que as missões estão fazendo um investimento irracional nesta área. Comparados às massas urbanas, aos migrantes, ou mesmo aos colonos das frentes de expansão, os índios oferecem um baixo rendimento no trabalho de evangelização. A diferença cultural coloca problemas graves de comunicação, o tamanho e a fragmentação dos grupos impõem limites que reduzem ao mínimo o índice de multiplicação. Ao invés da reação em cadeia (os convertidos que passam a converter outros), entre os índios brasileiros tem-se que começar praticamente da estaca zero em cada comunidade. Naturalmente, os índios necessitam do evangelho e devem ser atendidos, mas um planejamento racional que reconheça as diversas necessidades presentes, deveria dar prioridade a outros setores da sociedade brasileira. (Read Ed. 1969, 1973; Edwards 1971)

Em se tratando de causa tão nobre como a evangelização, a frieza analítica de Read é um tanto desconcertante, mas não é desprovida de fundamentos — afinal, as missões indígenas são as primeiras a insistir no número de conversões como a sua razão de ser, e falando de números não há dúvida que Wycliffe e New Tribes colocam muito mais do que tiram da seara evangélica. Nossa pergunta, portanto, exige o entendimento *da racionalidade de um investimento irracional*, do significado de uma estratégia que não faz sentido em termos pragmáticos.

Acervo ISA

A tarefa assim definida, como a busca de uma explicação racional, pressupõe naturalmente que as acusações de "fanatismo" levantadas contra os missionários das selvas não satisfazem. Pela leitura de suas cartas percebe-se que há personalidades de todo tipo entre eles, das mais exaltadas às mais calculistas; que há entre eles representantes de todas as neuroses e portadores de todos os talentos que nos são familiares. Ademais, é notório que formam sertanistas capazes, administradores eficientes, técnicos de propaganda bem sucedidos e assim por diante. Feita a opção fundamental pelos índios, a racionalidade utilitária recupera o seu lugar. Mas é aquela opção, constantemente renovada, que não cabe na lógica pragmática; e é a ela que dirigimos este estudo. Como a questão que nos ocupa é passível de diversos encaminhamentos, sugerimos limitarmo-nos à busca de respostas para duas perguntas específicas:

1. Que grupos sociais são atraídos pelas missões indígenas?

2. Qual o lugar que os povos indígenas ocupam na visão de mundo destes grupos? Ou ainda: qual o valor das missões indígenas no conjunto das alternativas vocacionais reconhecidas pelo grupo?

Para situar a New Tribes Mission no contexto das principais agências de missão protestantes de origem norte-americana que trabalham com índios no Brasil, remetemos o leitor ao Quadro 2.

Há uma outra limitação preliminar, referente esta ao material que será tratado. Recolhemos informação sobre a *New Tribes Mission*. Acreditamos que os resultados obtidos são semelhantes aos que teríamos estudado, por exemplo, a Unevangelized Fields Mission (conhecida como MEVA no Brasil); o caso da Wycliffe (Summer) exigiria certas qualificações, implicando por exemplo outros circuitos institucionais, o universitário sobretudo; outras tendências protestantes, congregadas no Conselho Nacional de Igrejas dos Estados Unidos e no Conselho Mundial de Igrejas (Genebra), envolveriam tradições diferentes sem muitos sentidos. Não pretendemos, portanto, discutir aqui todo o universo das missões protestantes, mas somente aquele setor representado por uma agência como a New Tribes. Antes da análise substantiva, apresentemos brevemente a *New Tribes Mission*, também chamada entre nós *Novas Tribos do Brasil*.

QUADRO 2

PRINCIPAIS MISSÕES INDIGENAS PROTESTANTES ESTADOS UNIDOS — 1975

Agências	MUNDO N.º de Missionários	MUNDO N.º de Países	BRASIL N.º de Missionários	BRASIL Bases Locais
Summer Institute of Linguistics (ou) Wycliffe Bible Translators	2.693	21	173	63
New Tribes Mission	864	16	198	28
Unevangelized Fields Mission (MEVA)	279	10	103	13
South American Indian Mission	156	5	22	7
Asas do Socorro			22	

FONTES: Para número de bases no Brasil, consultamos arquivos da FUNAI. As demais informações foram retiradas do **Mission Handbook**, 11th Ed., 1975.

OBSERVAÇÕES: O número de missionários não inclui nacionais recrutados nos países de missão. Unevangelized Fields Mission não se limita à evangelização dos indígenas. Asas do Socorro ocupa-se do transporte aéreo de missionários evangélicos na Amazônia Legal.

Foi fundada em 1942, sob a liderança de Paul W. Fleming, um missionário retornado da Malásia. Sua primeira expedição foi enviada à Bolívia, ainda em 1942, seguindo-se outros países da América Latina e, posteriormente à guerra, da África e Ásia. O pequeno grupo inicial cresceu de maneira espetacular, chegando em 1975 a 893 missionários no campo e 307 funcionários de retaguarda nos Estados Unidos. Em 1975 possuía obreiros na Austrália, Bolívia, Brasil, Colômbia, Índia, Indonésia, Japão, México, Nova Zelândia, Panamá, Papua/Nova Guiné, Paraguai, Filipinas, Senegal. Tailândia, Venezuela. Seu or-

Acervo ISA

çamento em 1979 montou a US$ 6.995.256,43. Entrou no Brasil em 1946, e em 1975 declarou possuir 198 missionários norte-americanos (ou treinados nos Estados Unidos) entre os índios do Brasil. Foi bem sucedida em provocar vocações nacionais, possuindo em seus quadros 69 brasileiros naquele mesmo ano. Em 1979 contava com 28 bases entre as tribos do país. O trabalho de campo é apoiado por quatro instituições no Brasil, o Instituto Lingüístico Ebenezer (Vianópolis, GO), o Instituto Bíblico Peniel (Jacutinga, MG), o Instituto Missionário Shekinah (Rio Brilhante, MS), e a escola para filhos de missionários, Puraquequara, em Manaus. A *New Tribes* divulga o seu trabalho na revista mensal *Brown Gold* e em *Field Papers* (quadrimestrais). Define-se como: "Uma agência não-denominacional que envia missionários de tradição fundamentalista, buscando evangelizar e estabelecer igrejas entre os povos tribais ainda não alcançados. Trabalha em lingüística, alfabetização e tradução da Bíblia". (*Mission Handbook* p. 279) Como norma, os missionários devem passar 5 anos seguidos no campo, um ano em "Furlough" ("licença", expressão emprestada ao vocabulário militar), novamente 5 anos no campo, outro ano em "Furlough", e assim por diante. Espera-se que a decisão pela missão seja por toda a vida.

A base social das Novas Tribos

Anotamos nos arquivos da FUNAI os dados que constam das fichas de inscrição dos missionários das Novas Tribos para os anos de 1970-1971. Não manuseamos um fichário completo, mas as 118 incrições examinadas representam uma amostragem superior a 50% que configuram um quadro bastante coerente.

Comecemos pela *NACIONALIDADE.*

A New Tribes internacionalizou-se. Recruta agressivamente em cada país onde trabalha, e também na Europa. Inglaterra, Alemanha, Áustria, Polônia têm contribuído vocações para a missão no Brasil. Sua base, contudo, continua a ser os Estados Unidos, e deve-se notar que neste aspecto a amostragem falsifica o quadro real, supervalorizando a presença brasileira. Segundo os dados oficiais totais, para 1975, havia cerca de 2 missionários norte-americano para cada brasileiro.

QUADRO 3

NACIONALIDADE DOS MISSIONÁRIOS DAS NOVAS TRIBOS DO BRASIL

Estados Unidos	47
Canadá	10
Alemanha	8
Inglaterra	3
Áustria	1
Polônia	1
Brasil	48
Total	118

E a *IDADE?*

Em que faixa etária as pessoas costumam entregar-se à aventura da missão? O Quadro 4 sugere que no mais das vezes isto ocorre não na adolescência, nem na primeira juventude, mas na segunda metade dos vinte anos. Se concordamos que via de regra é no final da adolescência que se faz a definição profissional, os dados indicam que a escolha da missão é uma opção tardia, feita já num tempo em que as possibilidades profissionais e a situação familiar devem estar definidas. Isto nos leva a crer que, em concordância com a palavra dos evangelistas, a descoberta da vocação missionária costuma de fato representar uma ruptura com o destino que a divisão social do trabalho transmitiu ao indivíduo. Uma outra informação etária mostra que o grosso dos missionários no campo estão entre os 26 e os 40 anos. (Quadro 5) É um dado que não surpreende, considerando-se as durezas da tarefa.

QUADRO 4

Idade de ingresso na missão

18-19 anos	3	41-45 anos	8
20-25	39	46-50	1
26-30	50	51-55	—
31-35	9	56-60	1
36-40	7		
		Total	113

Acervo ISA

QUADRO 5

IDADE DOS MISSIONARIOS NO CAMPO

20-25 anos	14	46-50 anos	8
26-30	26	51-55	1
31-35	34	56-60	1
36-40	22	61-65	1
41-45	11		
		Total	118

E o *SEXO?*

Esta é uma pergunta espinhosa para os dirigentes das Novas Tribos, pois acontece que são as mulheres que mais prontamente respondem ao chamado. Nos inícios dos anos cinqüenta, a situação chegou ao estado alarmante de contarem com 16 mulheres solteiras para cada homem solteiro na organização! O assunto foi denunciado pelo próprio Paul Fleming em artigo intitulado: VERGONHA PARA OS HOMENS! Dizia que o desbravamento das florestas é trabalho para homem, e no entanto são as mulheres que se apresentam. Fleming tinha uma explicação para o fenômeno que embora formulada em outra linguagem, parece-nos ser sociologicamente perspicaz. Dizia ele que os homens estão por demais apegados aos "bens deste mundo", às pespectivas de carreira, de enriquecimento e de prestígio oferecidos pela sociedade em que vivem. Hesitam, pois, em renunciar a tudo isto, e não têm olhos para ver a glória maior, porém longínqua, do serviço missionário. Menos ligados às posições de mando neste mundo, as mulheres são mais sensíveis a um chamado que vem do além. (Entre parênteses, deve-se notar que não obstante o que foi dito, as posições de chefia, seja em casa ou no campo, das Novas Tribos são sistematicamente atribuídas ao elemento masculino).

Conforme indicado no Quadro 6, a relação para 1970-71 apresentava cinco mulheres solteiras para cada homem solteiro nos quadros das Novas Tribos. Esta relação, aliás, coincide com a que se dá para todas as missões norte-americanas em 1975, nas quais existiam 4.643 mulheres solteiras e 903 homens solteiros.

QUADRO 6

ESTADO CIVIL DOS MISSIONARIOS

Mulheres Casadas	43
Homens Casados	45
Mulheres Solteiras	25
Homens Solteiros	5
Total	118

Vejamos agora a *ESCOLARIZAÇÃO*

Os dados são claros: os missionários das Novas Tribos não pertencem ao mundo acedêmico. A maior parte não passou do secundário e há um número significativo que só tem o primário. (Quadro 7) Não tiveram pois acesso à literatura científica sobre as sociedades tribais, e são portadores dos estereótipos comuns sobre os "selvagens" que acompanham a socialização na sociedade envolvente. A organização mantém os seus próprios cursos de treinamento, os quais podem chegar a uma duração de 5 anos.

O material didático utilizado em cursos nos Estados Unidos (que pudemos examinar em uma parte que nos parece representativa), indicam um alheamento radical em relação à antropologia científica com uma pequena brecha somente no campo da lingüística aplicada à tradução da Bíblia; e também um afastamento programático dos métodos de exegese e crítica filológica da Bíblia, que são praticados nos Seminários mais próximos aos meios universitários. Por outro lado, a grande atração do treinamento nos Estados Unidos é o seu lado "prático", que consiste em viver num *campus* chamado "Boot Camp" (nome emprestado aos campos de treinamento da Marinha norte-americana) que reproduz as condições ecológicas supostamente características da floresta tropical. Acampar na mata, navegar as corredeiras, caçar jacarés etc., compõem um meio imaginativo cujo enfrentamento simboliza a grande travessia que deverão realizar para alcançar as "Novas Tribos".

Acervo ISA

QUADRO 7

ESCOLARIZAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS

Primário	18
Secundário	77
Universitário*	15
Total	110

Finalmente, a origem *OCUPACIONAL.*

A que carreiras estes missionários abdicam? A maioria absoluta abandonou uma posição nos escalões mais baixos das classes assalariadas. São ex-carpinteiros, funileiros, pedreiros, mecânicos, trabalhadores agrícolas, escriturários, balconistas, enfermeiros, agentes de seguro, donas de casa. (Quadro 8) Vieram, a maior parte, do setor inferior de serviços, e também do operariado. Ao menos no caso desta missão, é pela mobilização das classes subalternas que a cristandade avança sobre os povos ainda não alcançados.(1)

Há entre eles também alguns homens de negócio que renunciaram aos seus privilégios. São poucos e por si só não bastam para modificar o perfil social dos que costumeiramente respondem ao apelo das Novas Tribos. No entanto, cada decisão deste tipo é sumamente valorizada pela literatura de propaganda das New Tribes, com manchetes edificantes que apontam para os renunciadores burgueses como testemunhos vivos da autenticidade e do poder da mensagem. Contam, pois, para a imagem que o grupo tem de si mesmo, desfazendo quaisquer conotações de casta e valorizando o sentido igualitário e individualista de um grupo que se apresenta como formado por pessoas que fizeram uma boa escolha.

* O nível "universitário" corresponde quase sempre ao "college" norte-americano, não estando sempre claro se foram ou não completados.

1. A origem nas classes subalternas é significativa para caracterizar o movimento missionário em que se inserem as Novas Tribos. No entanto, é bom lembrar que em outros contextos as bases sociais das missões foram constituídas por outros grupos sociais. No final do século XIX, por exemplo, o meio estudantil das melhores universidades da Costa Leste foi intensamente mobilizado pela palavra de ordem "A Evangelização do Mundo nesta Geração!". (Neill, 1964, Latourette, 1943).

QUADRO 8

ORIGEM OCUPACIONAL

TRABALHO MANUAL 27

Mecânico	3	Operário	2	Alfaiate	1
Eletricista	2	Gráfico	1	Marinheiro	3
Funileiro	2	Tapeceiro	1	Carpinteiro	2
Relojoeiro	1	Pedreiro	2	Lavrador	7

SERVIÇOS 72

Escriturário	14	Agente de Seguro	1
Empregada Doméstica	3	Contador	3
Enfermeira	8	Telegrafista	1
Dona de Casa	16	Carteiro	1
Professor Primário	5	Estudante (nível médio)	15
Auxiliar de Laboratório	1		

EMPRESÁRIOS 5

Comerciante	3	Fazendeiro	1	Madeireiro	1

INTELECTUAL 4

Artista	1	Pastor (nível médio)	1	Lingüista	1
Professor	1				

TOTAL 108

Que a escolha é para valer, observamos no Quadro 9 que indica o número de anos já passados entre os índios por estes missionários. Dividimos os indivíduos por grupos de "turnos", cada um correspondendo a 5 anos no campo, pois é esta a medida que eles próprios adotam para tirar a sua licença, o ano de descanso no país de origem.

QUADRO 9

*TEMPO DE SERVIÇO NAS NOVAS TRIBOS**

1.° Turno (de 1 a 5 anos)	58
2.° Turno (de 6 a 10 anos)	30
3.° Turno (de 11 a 15 anos)	16
4.° Turno (de 16 a 20 anos)	7
Total	111

* Podendo incluir tempo de serviço fora do Brasil; incluindo 1 ano de licença, quando trabalham no país de origem, usualmente difundindo a sua obra, a cada cinco ano.

Acervo ISA

A rede confessional

A auto-identificação por *uma boa escolha* remete a um outro nível de determinação das bases sociais das Novas Tribos, que é constituído por uma rede de instituições de natureza confessional. Seus quadros, os recursos, a literatura, a prestação de contas, a mensagem circula por canais bem definidos que se reproduzem ao longo do tempo e cujos contornos foram traçados no decorrer do último século. As palavras oficiais indicam suas características básicas: "... Uma agência não-denominacional que envia 'missionários' de tradição fundamentalista...". *(Mission Handbook*, 11th ed., 1975)

A guerra civil dividiu as grandes denominações gerando cismas que nos legaram "Igrejas do Norte" e "Igrejas do Sul". Simplificando para efeitos de exposição, pode-se dizer que com o Norte ficaram as elites eclesiásticas de um clero formado por Seminários vinculados às principais universidades do país. Columbia, Princeton, Yale. Harvard, Chicago foram todas fundadas por igrejas protestantes e ainda hoje guardam relações estreitas com os Seminários das respectivas denominações. A educação teológica neste contexto absorveu elementos importantes da metodologia científica, como a exegese histórica e a crítica filológica dos textos sagrados, tornando relação entre teologia e ciência uma mediação necessária para o entendimento adequado da Bíblia. Este conjunto institucional sustentou o desenvolvimento de uma "Teologia Liberal", assim como de um "Evangelho Social", que formaram a tradição dominante do pensamento religioso norte-americano. Esta tradição é corriqueiramente chamada de *Main Line* ("tendência principal") ou de "modernista", esta última uma expressão pejorativa que lhe foi imputada pelos adversários "Evangelicais" e "Fundamentalistas".

Embora também dispondo de Seminários importantes, Evangelicais e Fundamentalistas, lançaram mão sobretudo dos "Institutos Bíblicos" para multiplicar os seus quadros. São cursos de nível médio que formam "obreiros" para a condução do serviço nas igrejas locais, com uma educação radicalmente separada dos meios universitários. Ao invés da "crítica" e da "exegese", cultivam a "revelação inspirada" e a "verdade literal" da Bíblia, codificando-a em termos que só fazem sentido no contexto do culto religioso, e por oposição às interpretações "modernistas". A conciliação entre teologia e ciência e à aproximação entre os meios eclesiásticos e seculares das

elites, opuseram um "biblicismo" que se desdobra em uma série de sinais diacríticos indicadores da *diferença* do crente em relação aos seus pares sociais, tais como não fumar, não beber, contenção sexual etc.(2)

Além das denominações que lhe são próprias, os meios fundamentalistas e evangelicais são caracterizados por um grande número de organizações autônomas que não se confinam aos limites eclesiásticos, atravessando as diversas igrejas com a promoção de uma variedade de serviços. Entre elas estão os *Campos* ou *Tendas de Evangelização*, onde membros de várias paróquias vão revigorar a sua fé, os *Evangelistas* que percorrem as comunidades em dias de programação especial, *Programas Evangélicos de Rádio e Televisão, Centros de Publicação, Agências de Missão* etc. É um circuito não-denominacional, às vezes mesmo antidenominacional, engajado em um movimento constante de animação espiritual e de polêmica teológica. Seu sinal característico, equivalente a um rito de iniciação, é o "Novo Nascimento em Cristo" — o reconhecimento público de um "Batismo do Espírito Santo", substancialmente distinto do bastismo meramente formal que pode ser administrado por um sacerdote. "Nascer de Novo" é uma experiência que deve ser acompanhada de um "Testemunho" público sobre a transformação radical de vida por que passou o indivíduo e de uma promessa de dedicação à obra evangélica. Embora expressamente dirigida aos não-convertidos, a mensagem do Novo Nascimento nos Estados Unidos inside sobretudo nos próprios meios protestantes, promovendo uma espécie de animação espiritual chamada "Reavivamento" ("Revival").(3)

Assim, a pergunta sobre as bases sociais da New Tribes remete ao cruzamento de dois tipos de vínculo, um sócio-econômico, outro confessional, onde se encontram os setores

---

2. Uma excelente análise epistemológica desta "Leitura literal" da Bíblia, em Alves, 1979. Parece-nos, contudo, que este ensaio elabora apenas uma das lógicas possíveis da "Leitura Literal" da Bíblia.
3. Para uma história do protestantismo nos Estados Unidos, ver Ahlstrom, 1975. Para a história geral da expansão missionária protestante, Latourette (1970) e Neill (1964). Para apreciação geral do campo religioso norte-americano na década de 1960, *Dædalus*, winter, 1967. Para a controvérsia entre fundamentalismo e teologia liberal, Furhiss, 1957. Para o movimento ecumênico Rouse, Neill, Fry. Para o *establishment* das igrejas liberais no pós-guerra, Herberg, 1959, Berger. Para o crescimento dos evangelicais e fundamentalistas no cenário nacional na década de 1970, Quebedeaux, 1974, 1976, 1978, Kelley, 1972. Para protestantismo negro, Washington, 1964.

Acervo ISA

subalternos da sociedade norte-americana que pertencem ao círculo de paróquias protestantes afetadas pelas campanhas por um "Novo Nascimento".

Esta rede de paróquias espalha-se por todo o território, mas o eixo maior está no chamado "Cinturão Bíblico" (*Bible Belt*) que parte do Sul e se prolonga pelo *Mid-West*. É a região interiorana, onde predomina aquela "maioria silenciosa" de que falou Nixon. Vistos de perto nada têm de silenciosos, mas é fato que pouco aparecem no plano nacional da Federação, cujos meios de comunicação estão dominados por um conjunto de instituições de inspiração liberal que distinguem o "Litoral Leste" no cenário cultural do país.(4)

Há outras distinções próprias ao campo religioso que são relevantes para traçar o perfil do grupo que nos interessa. Distinguem-se da "Religião Negra" que se pratica nas igrejas do Sul e nos guetos do Norte. A origem sulista empresta-lhes certos traços comuns, como a interpretação literal da Bíblia, a valorização do "Novo Nascimento", ou a música congregacional; mas estes traços foram transformados, gerando um outro estilo de culto que contribui para demarcar a diferença cultural negra. Com efeito, são raros os negros dentre os missionários das Novas Tribos; e pesquisas sociológicas feitas na década de 1960 demonstraram a existência de uma correlação positiva entre ortodoxia fundamentalista e preconceito racial. (Feagin, 1964)

Diferenciam-se também do pentecostalismo, vertente protestante que atravessou as barreiras étnicas, contando com congregações brancas, negras e porto-riquenhas. A demonstração dos Dons do Espírito (êxtase, língua estranha, visões etc.) ofendem a estética ritual característica dos meios fundamentalistas e evangelicais.

4. O apelo de Nixon à "maioria silenciosa" prenunciou a ascenção do "cinturão bíblico" no cenário cultural norte-americano na década de 1970. Cresceram em visibilidade, ganhando para si uma série de estrelas nacionais, ao ponto de falar-se em "evangelical chic". Atletas, artistas, políticos de prestígio destacaram-se com testemunhos de "Novo Nascimento", entre os quais um astro de TV como Johnny Cash, um ex-dissidente radical Eldridge Cleaver, e um ... presidente Jimmy Carter. Gallup Poll, declarou, 1976 o Ano Evangelical, publicando resultados de pesquisa impressionantes: uma pessoa adulta em três declara ter feito a experiência do Novo Nascimento. (Quebedeaux, 1978, p. 3 ss)

São radicalmente anticatólicos, fazendo do combate ao ecumenismo (favorecido pela corrente liberal) um dos seus temas prediletos. Padecem portanto de penetração em grupos étnicos associados ao catolicismo, como os irlandeses, os italianos, ou os poloneses.

Não se identificam com os judeus, naturalmente.(5)

Em resumo, as características de classe combinadas à caracterização religiosa localizam as bases sociais das Novas Tribos como um grupo relativamente bem delimitado no mapa das diferenças étnicas internas à sociedade norte-americana. No entanto, este exclusivismo não é assumido como tal. Ao contrário, seu discurso é pontilhado por referências à Bandeira e aos demais símbolos da nacionalidade abrangente. Seu particularismo é somente perceptível nas entrelinhas, por uma diferença que se impõe entre a América Legal e o Verdadeiro Espírito Americano, personaficado na figura do WASP (White Anglo Saxon Protestant), o saxão branco e protestante cujas pretensões à essência da nacionalidade foram destacadas nos conflitos étnicos da década de 1960. Formam assim uma das vertentes religiosas da ideologia do *melting pot* americano, a alquimia pela qual imigrantes das mais variadas origens seriam fundidos para dar origem à substância nacional americana. O ritual do "Novo Nascimento" nesta matriz religiosa dá acesso a uma dupla cidadania: ao "Reino dos Justos" e à "Verdadeira América".

As missões de fé

A oposição entre a *Main Line* e os Fundamentalistas e Evangelicais projetou-se sobre o campo missionário, gerando diferentes dinâmicas internacionais entre as igrejas protestantes. As primeiras agruparam-se sobretudo no Conselho Nacional de Igrejas dos Estados Unidos, New York (DOM, Division of Overseas Missions), e no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra. As segundas mantiveram-se independentes ou reuniram-se em diversos organismos, entre os quais se destacam o EFMA

5. Apoiando-se em Glock e Stark, *Christian Beliefs and Anti-Semitism*, Harper and Row, 1969, Kelley (1972, p. 26) afirma que "alguns destes órgãos/Igrejas e organizações fundamentalistas e evangelicais, apresentam o mais elevado índice de anti-semitismo entre as maiores organizações religiosas norte-americanas".

Acervo ISA

(Evangelical Foreign Missions Association) e o IFMA (Interdenominational Foreign Mission Association). Embora de raízes mais longínquas, esta divisão do campo missionário protestante tornou-se clara no entre guerras, e mais particularmente na década de 1930. (Ver Quadro 11)

O desenvolvimento do ecumenismo no eixo Leste/Oeste e o problema colonial na linha Norte/Sul problematizaram a visão planetária dos setores eruditos protestantes, provocando controvérsias profundas sobre o sentido cultural do cristianismo. A posição liberal limite neste debate foi formulada por uma comissão de 35 leigos representantes de sete denominações norte-americanas. Visitaram as missões da Ásia em 1930 e produziram um relatório que propunha mudanças radicais na estratégia missionária: o abandono da visão proselitista e o reconhecimento de que a revelação divina também se expressa nas religiões não-cristãs, sobretudo nas "grandes religiões do mundo".

"A tarefa do missionário hoje, afirmava o relatório Hoching, é procurar o que há de melhor nas outras religiões, ajudar os fiéis destas religiões a descobrir, ou a redescobrir, tudo que há de melhor em suas próprias tradições, cooperar com os elementos que sejam mais ativos e vigorosos no sentido de uma reforma social e de uma purificação da expressão religiosa em suas tradições.

O objetivo não deve ser a conversão — a atração de membros de uma fé religiosa para outra — nem o estabelecimento de um monopólio cristão. A cooperação deve substituir a agressão. O objetivo último é a emergência das várias religiões para além do seu isolamento numa fraternidade mundial onde cada uma tenha o seu lugar". (Neill, 1964, p. 456, Hoching, 1932)

O radicalismo desta visão liberal não foi aceito pelas Igrejas, mas o problema calou fundo, impulsionando um questionamento que não foi mais esquecido pela teologia dominante.(6)

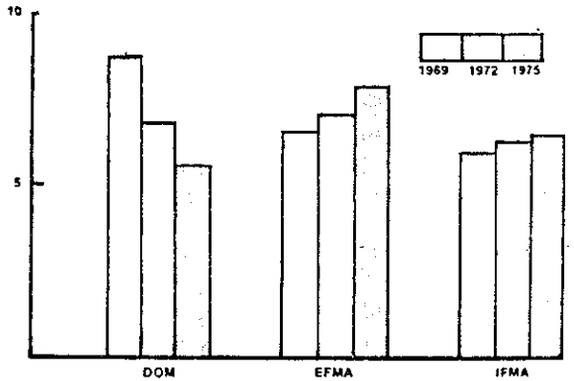
6. A controvérsia teológica ganhou amplos horizontes, questionando a relação entre "Cristo e Cultura". Ver Niebuhr, 1943, Niebuhr, 1951, Tillich, 1961, Kraemer, 1947. A "perda" da China para o movimento comunista teve grande impacto sobre todo o mundo missionário. Reproduções do confronto com o marxismo na teologia liberal podem ser lidas em Bennett, 1948 e Shaull, 1955.

A "perda da China" em 1949, as campanhas de direitos civis na década de 1960, a guerra do Vietnam, marcaram o aprofundamento das questões sobre a missão internacional do protestantismo, culminando com a promoção do encontro de Barbados, em 1971, pelo Conselho Mundial de Igrejas, e mais ainda com a proposta de uma *moratória* de missões pela mesma entidade em 1975, enquanto que nos Estados Unidos o Conselho Nacional de Igrejas valorizava o conceito da "Missão Interna" a ser exercida pelas igrejas em seu próprio país.(7)

Enquanto a tendência dominante problematizava o conceito de missão, terminando por retrair-se em seu esforço de proselitismo além mares, as correntes subalternas redobraram o entusiasmo expansionista, e terminaram por conquistar uma hegemonia sobre o campo missionário protestante mundial. Esta inversão de domínios efetivou-se nos últimos vinte anos, como está sugerido pelo Quadro 10, mas as tendências contrastantes formaram-se já no entre guerras.

QUADRO 10

MISSIONÁRIOS NOS MAIORES CONGLOMERADOS DE AGÊNCIAS DE MISSÃO



Fonte: *Mission Handbook*, 11th ed., 1975, p. 61, de onde este gráfico é reproduzido.

7. A revista *International Review of Mission* publicada pelo Conselho Mundial de Igrejas é o melhor guia para a evolução do pensamento protestante liberal e do evangelho social no que se refere ao conceito de "missão".

Acervo ISA

Decisivo para a expansão das missões fundamentalistas e evangelistas foi o desenvolvimento de um tipo particular de organização missionária, chamada "Missão de Fé". São agências autônomas, não-denominacionais, que se movem no fluxo das campanhas de reavivamento espiritual. São chamadas "de Fé" porque dependem de um apoio voluntário, direto, por parte dos fiéis das igrejas locais, não sendo apoiadas em qualquer burocracia eclesiástica, o que é bem exemplificado por sua política financeira.(8)

Em última instância, todas as missões são financiadas por doações voluntárias, mas as mediações fazem a diferença. As Juntas de Missão Denominacionais formam departamentos da burocracia central de uma Igreja. A coleta dominical sobe para o distrito, daí para região, e então para a central da denominação no país. As denominações dispõem de um orçamento global com o qual devem planejar as atividades de muitos departamentos, entre eles o das missões. Este, por sua vez, deve alocar recursos em todas as frentes e níveis da obra missionária, especificando inclusive um salário para o pessoal que parte além mares.

Já as agências de Missão pela Fé dedicam-se exclusivamente ao trabalho missionário e à sua promoção nas Igrejas locais, a maior parte especializando-se em alguma área ou nível particular do campo missionário. Atualmente há centenas de organizações deste tipo, a maioria sendo de pequeno porte, com um quadro de algumas dezenas de missionários. Algumas Missões de Fé sequer divulgam suas necessidades financeiras; oram para que Deus proveja, e montam o orçamento em função das doações recebidas. As demais fazem como as Novas Tribos que divulgam amplamente as suas necessidades, montando inclusive campanhas financeiras em cima de arrojados planos de expansão, pela fé, antes mesmo que os recursos tenham sido doados.

Assim estes missionários não recebem uma garantia de salário. Algumas agências deixam a subsistência de cada obreiro ao sabor do interesse que o seu trabalho desperte entre os fiéis *back home* (política seguida pelas Novas Tribos em seus inícios). Outras agências recolhem as ofertas e as distribuem igualitariamente entre os seus quadros. Numa correspondência típica, a ser publicada no periódico de propaganda da

8. Sobre as "Missões de Fé" ver Lindsell, 1962, e Edwards, 1971.

Missão, o missionário deve contar o que faz, os problemas que enfrenta, as oportunidades que tem diante de si, e deve culminar com o pedido "Crê por nós!". A intensidade das orações determinará o volume das ofertas que continuarão a mantê-lo no campo. E, no período de férias, os missionários costumam correr às congregações mostrando os seus *slides* e renovando a convicção de que "...igreja viva é igreja missionária".

As mediações também diferenciam as relações das Missões de Fé com o campo missionário. Via de regra, não formam igrejas nacionais, nem passam por elas. Livres de associações nacionais, seja no país de origem, seja no país de destino, ganham em vitalidade e em expressões voluntárias, vinculando diretamente uma comunidade local *back home* com o trabalho numa base local do campo missionário. Evitam portanto as mediações que fazem a complexidade das Igrejas, formando organismos quase idealmente homogêneos tanto no sentido institucional, quanto na orientação ideológica.

O sentido da opção pelos Índios

O sentido da opção pelos Índios deve estar expresso na literatura de propaganda da *New Tribes*, pois é através dela que as vocações são despertadas e os recursos oferecidos. Os fiéis devem reconhecer o valor das estórias que são contadas em cada número de *Brown Gold*, o colorido boletim mensal da organização. Para efeitos de exposição, resolvi resumir aqui a história oficial de fundação da *New Tribes Mission*, a qual nos remete aos fins dos anos trinta. É uma história que antes de se tornar livro foi obviamente contada inúmeras vezes em campanhas de recrutamento. É aliás o produto de uma colagem anônima de citações de textos publicados pelo próprio fundador, o decantado Paul W. Fleming. Corresponde pois a um mito de origem que é transmitido a cada nova geração de candidatos à missão, o modelo de uma opção de vida que deveria ser também a minha, um convite ao leitor para que repita os gestos fundamentais, recriando a obra missionária com as suas orações. A maior parte da história confunde-se com a biografia do fundador, o que aliás é uma característica comum entre as Missões de Fé, à diferença das Missões Denominacionais que costumam referir-se a uma série de Congressos e Conferências eclesiásticas.

* * *

Acervo ISA

Ansiedades de uma criança comum,
ou sonhar com football

Nada na infância de Paul Fleming prenunciava um futuro de glória. Nascido de família pobre de imigrantes suecos na Califórnia, alcançava resultados fracos na escola, provocava olhares repreensivos no velho pregador sueco da igreja local, e mesmo em casa deixava a desejar quando comparado aos irmãos.

"...eu não tinha qualquer talento especial..."

É verdade que a seu favor dispunha de um corpo avantajado e um gosto forte pela competição.

"...eu jogava muito baseball e esperava poder um dia ser treinador de football..."

Mas estes sonhos não impressionavam a sua mãe.

"Posso ainda ouvir minha mãe dizer: 'se continuar do jeito que vai, nunca será coisa alguma!'"

Orações maternas,
ou a dúvida sobre os caminhos dos homens

Ele não fala do pai, mas a imagem da mãe aparece em muitas passagens, evocando a figura caseira, o cheiro de lavanda, as fazendas rendadas, e uma surpreendente intensidade do olhar. Das orações e conselhos maternos vieram os primeiros sinais do caminho a seguir, com o afastamento subjetivo em relação aos prêmios mundanos. Eram sinais negativos, associados à fraqueza das lágrimas femininas.

"Eu me lembro de uma vez em que mostrava a minha mãe as coisas que havia ganho. (...) 'Ganhei primeiro lugar, mamãe' (...) Mas ela voltou-se para mim, abraçou-me e disse: 'Paul, um dia você vai perder, e então eles se esquecerão de você'. Disse ainda que as coisas conquistadas neste mundo não contam para muito; que havia uma só coisa que desejava me ver ganhar (...) que eu deixasse Jesus Cristo entrar em meu coração. Depois de dizer isto, levantou o avental, enxugou as lágrimas dos olhos, e voltou ao seu trabalho".

Em companhia da mãe percorreu muitas igrejas, ultrapassando os limites da comunidade sueca — a Igreja da Porta Aberta, a Igreja Metodista da Trindade, a Igreja do campo de Hollywood, a Igreja Batista de São José, praças e tendas de evangelização, em suma o circuito percorrido pelos pregadores da renovação espiritual.

"Ela tinha muitas amigas judias e católicas assim como protestantes, mas havia sempre uma coisa mais importante que a amizade (...) falar a elas de Cristo Jesus".

Foi portanto neste ambiente celular do *melting pot* americano, o movimento evangelical, que Paul Fleming aprendeu o princípio primeiro de sua filosofia de vida:

"...naturalmente, eu precisava ser 'salvo de novo' — era o que me diziam".

Nascer de novo,
ou a busca do poder religioso

O sentido positivo da conversão veio pela palavra de Paul Reader, a voz masculina que transmitia o poder do Espírito que transcende os feitos mundanos.

"Ele era um homem de verdade ("a man's man"). Havia sido um grande jogador de football, um dos maiores do seu tempo. Havia sido um conquistador de prêmios. (...) Quando pregava ouvi algo que nunca tinha ouvido antes".

A mensagem tantas vezes ouvidas tornou-se uma revelação.

"...fui até Paul Reader e dei-lhe um aperto de mãos. Disse a ele: 'vou ser um pregador'".

Mas havia ainda um longo aprendizado a fazer para que a Vontade Divina fosse plenamente revelada e reconhecida por Paul Fleming. Aprendeu acordeon, ingressou no Instituto Bíblico de Los Angeles, participou de inúmeras reuniões.

"Mas as oportunidades que buscava nunca chegavam porque, creio eu, olhava mais para os homens do que para o Senhor".

Afinal, uma grande chance: trabalhar com o próprio Paul Reader, num campo de evangelização, em Fort Wayne, Indiana. Lá desenvolveu o dom da palavra e chegou mesmo, um dia, a ser convocado para substituir Paul Reader no púlpito num culto de meio de semana.

Acervo ISA

"Tremi durante todo o serviço".

Estórias do campo missionário eram parte constante da mensagem em Fort Wayne. Paul Fleming recorda-se ainda da primeira vez em que ouviu falar dos longínqüos países de missão. Fixou-lhe na memória a imagem de

"...pessoas pequeninas, aos milhares, trabalhando dia e noite com grandes fardos sobre os ombros. (...) A estória terminava revelando que aquelas 'pessoas pequeninas' eram as formigas da África".

Mas Fleming, como a maioria dos colegas em Fort Wayne, não se entregou ao apelo das missões; impressionava-lhe mais

"...o que parece ser naturalmente o maior dos serviços: um ministério nos Estados Unidos da América".

A opção missionária,
ou jogar tudo em Cristo Jesus

Contudo, os planos não se concatenavam e uma série de acontecimentos levaram-no de volta à Califórnia, onde estava sua noiva. Esperava-o também um emprego nas máquinas de uma refinaria local, alternando semanalmente os turnos da manhã, da tarde e da noite. Sentia-se miserável nesta condição e recorria ao Senhor, em oração, para que o aliviasse do peso que oprimia a sua alma. Uma noite, encarando o companheiro de trabalho que manejava a outra chave da válvula (um velho operário conhecido por escapadas em busca de fortuna nas minas das montanhas vizinhas, que sempre acabava de volta ao emprego na refinaria), Paul Fleming sofreu uma crise existencial e fez a opção de sua vida.

"Uma vez minha mãe apontou para um indivíduo que não prestava e disse-me que eu terminaria igualzinho a ele se não permitisse que o Senhor tomasse conta da minha vida. Nunca nada me pareceu tão real quanto este velho que estava diante de mim. Sim, era um retrato perfeito do meu futuro. (...) Este pensamento chocou-me terrivelmente e uma rebelião cresceu dentro de mim, endurecendo todo o meu interior. Disse para mim mesmo: 'Não posso ser como este homem, não posso! Vou deixar que o Senhor tome posse da minha vida'. Àquela noite eu disse ao Senhor que abandonaria os Estados Unidos e iria pregar o Evangelho em algum lugar antes que um ano se passasse".

Sem dinheiro e sem apoio institucional, sem treinamento e sem delegação, a promessa feita a si mesmo perante Deus era um ato de fé que desafiava todos os procedimentos normais de formação de missionários. Mas a paz interior e a confiança absoluta neste projeto impossível revelaram-lhe uma verdade mais profunda:

"Aprendi uma coisa: o conhecimento da vontade de Deus não chegou a mim gradualmente, mas quando em desespero me dispus a jogar todas as cartas em Jesus Cristo. Se ao menos mais candidatos à missão aprendessem a seguir a Deus ao invés de seguir a linha da lógica humana!".

E assim, antes que um ano se completasse, com um mínimo de apoio e a despeito dos conselhos de experimentados chefes de missão, Paul Fleming e sua esposa ultrapassaram os portões dourados da Baía de São Francisco, rumo a Sumatra. Isto foi em 1937.

"Nunca tinha visto Sumatra, não sabia como era. O que o Senhor desejava então era me por em movimento na direção correta. Quando chegamos a Singapura, ao invés de continuar para o sul rumo a Sumatra, fomos para o norte, para a Malásia. Descobri mais tarde que o apóstolo Paulo também não sabia para onde ia. Pensou que fosse para Ásia, mas o Senhor mudou a sua rota".

As provações de um missionário;
ou quando estou fraco, então sou forte

Os planos de Deus são insondáveis. Longe de ser uma solução, a viagem para o Oriente revelou-se apenas um estágio preparatório, pontilhado de provações. As dificuldades começaram na base missionária. Paul Fleming estava ansioso para entrar na mata, fazia muitas perguntas, questionava os modos acomodados do pessoal na sede da missão. Os veteranos locais não apreciaram tanta exuberância e acabaram por isolar o novo voluntário. Paul Fleming desencantou-se com os obstáculos que o jogo da "política religiosa" colocava em seu caminho.

Finalmente, uma oportunidade foi aberta e Paul Fleming partiu para Siam, na Tailândia. Mas não chegou ao destino. Uma "doença misteriosa", não identificada inicialmente pelos médi-

Acervo ISA

cos, derrubou-o com a febre e o delírio. Mais tarde aprendeu que se chamava "malária".

"Várias vezes, durante as quentes noites tropicais, tive o que me parecia ser um terrível pesadelo. Sonhava que estava de volta na América. Era um sentimento terrível, mas oh! que alívio acordar e ouvir os estranhos ruídos da floresta!".

Os ataques pioraram e o corpo forte que trazia da infância, seu último reduto de autoconfiança, passou a trai-lo. Finalmente os médicos se pronunciaram: precisa voltar ao clima temperado da América. Mas foi desta derrota, contra todas as espectativas, que nasceu a vitória maior: o sentido de uma nova missão.

"Apesar desta praga que tomava todo o meu corpo, nunca pude esquecer a lição maravilhosa que aprendi por seu intermédio. 'Quando estou fraco, então sou forte'. Deus mostrou-me que não precisava de meus ombros largos ou de minha mente franzina. Precisava apenas de um instrumento com o qual pudesse trabalhar".

Criar uma nova missão,
ou marchar ao som de uma banda invisível

"Assim foi que entre os passageiros que desembarcaram em São Francisco estava um homem grande vestido com roupas antiquadas, munido apenas de um coração ardente e de um projetor de cinema".

Na viagem de volta, Paul Fleming formou diante dos olhos a visão fantástica da obra que estava a desafiar a cristandade americana: A EVANGELIZAÇÃO DO MUNDO NESTA GERAÇÃO! Se ele próprio não poderia estar na linha de frente, então a sua seria a voz de comando a convocar os soldados de Cristo. Percorrer as igrejas e as tendas de evangelização, sacudindo "o cristianismo mole" destes tempos, despertando o espírito missionário.

"Em breve, a mensagem e o homem começaram a ter um impacto. (...) Ele parecia marchar ao som de uma música que o resto de nós não podia ouvir".

Falando a fiéis torpedeados pelas notícias da guerra mundial, Paul Fleming anunciava uma guerra maior, que não se limitava, nem terminaria com a derrota do eixo.

"Nesta guerra (...) Deus lidera as forças da virtude contra os poderes da escuridão. O inimigo ainda controla muito território. Há milhões de prisioneiros nas amarras do obscurantismo pagão". (Brown Gold, Julho 1945)

Era o desafio das fronteiras mais remotas que se cristalizava nas palavras de Paul Fleming:

"...milhares de povos tribais, representando pelo menos 1.800 grupos lingüísticos, não possuem qualquer porção da Bíblia em sua língua. Suas línguas são desconhecidas. Não têm qualquer contacto com o mundo civilizado. Não possuem rádios, pois vivem distanciados da civilização, escondidos freqüentemente nas florestas das mais remotas regiões do mundo. (...) Seus costumes são tão diferentes dos costumes do homem civilizado que, alcançá-los mais parece encontrar homens de um outro planeta do que homens de outra raça. (...) Estes povos tribais vivem e morrem não só ignorantes da civilização, como sem nada saber dos perigos que ameaçam suas almas e do Cristo que por eles morreu. Deverão continuar assim ignorados?".

Palavras surpreendentes estas que diante do conflito entre as grandes potências convocava o voluntariado para a luta espiritual nas mais remotas e atrasadas regiões do globo. Mas os fiéis responderam ao chamado, às centenas ou mesmo aos milhares. E, no entanto, como no exército de Gedeão, desapareciam na mesma proporção em que surgiam. Era preciso organizar os poucos que perseveravam. Um comitê diretor de sete membros foi formado, enfrentando diversas tentações diabólicas que ameaçavam corromper a semente antes mesmo que germinasse, tentações de glórias mundanas e de condicionamentos financeiros. O número Sete foi escolhido em sinal de obediência à doutrina bíblica da missão, conforme a interpretação fundamentalista: vivemos a sétima era da história sagrada, aquela destinada a ver a realização dos tempos com a segunda vinda de Cristo, que será cumprida quando a palavra divina houver alcançado os últimos confins da terra.

Um primeiro grupo foi ajuntado em 1942, com 16 membros da igreja de um dos Sete diretores. As passagens em um navio que partiu de New Orleans rumo à América do Sul foram compradas antes mesmo que tivessem obtido os difíceis passaportes e mesmo os recursos para a operação. Mas Deus respondeu à loucura da fé com bênçãos maravilhosas que derrubaram cada um dos obstáculos que lhes barravam o caminho.

Acervo ISA

O treinamento do pessoal também devia romper com os esquemas usuais.

"O homem que tem a visão é um homem que sabe que Deus é poderoso. (...) Ele viu e ele sabe. (...) Naquele breve curso preparatório tínhamos um claro objetivo, que era encontrar os verdadeiros homens e mulheres de Deus. Isto era impressionante. O objetivo do curso não era produzir homens e mulheres de Deus, mas encontrá-los".

Outras agências de missão levantaram suspeitas sobre um possível desprezo das Novas Tribos pela educação de seus obreiros, ao que responderam com uma pedagogia mais dinâmica, inspirada na experiência da guerra. Adquiriram um *Boot Camp* na Califórnia que reproduzia o ambiente das florestas a que os missionários estavam destinados. Ali a vocação da fé seria temperada com ensinamentos práticos sobre como sobreviver em território inimigo.

"A primeira instrução que um jovem recebe no exército é um treinamento físico; na marinha é o Boot Camp (...) É duro para o tipo mediano, mas é vitalmente necessário. Além de mentalmente alertas, devem estar preparados físicamente, capacitados para resistir às condições triturantes da guerra moderna. Raramente as pessoas percebem a medida em que o trabalho missionário corre paralelo ao dos lutadores da selva do Tio Sam. (...) Podemos aprender uma lição com o exército introduzindo uma abordagem prática para o treinamento missionário".

O martírio do primeiro contato,
ou a morte como um investimento

"Aquela noite o Senhor deu-me uma visão. (...) Vi três homens fortes, cheios de vontade, sangue quente nas veias, nascidos de novo, felizes, zelosos no Senhor, embrenhados na floresta. De repente foram cercados pelos estranhos homens da floresta, e ficaram tão contentes com o contato que (quase podia ouvi-los) se puseram a cantar: 'Eu amarei o Senhor na vida, Eu amarei o Senhor na morte...'". (Palavras de Mrs. Hosbach, mãe de um dos cinco missionários mortos no primeiro contato)

A primeira equipe baseou-se em Roboré, na Bolívia, às margens do "inferno verde amazônico". Os moradores regionais

tinham notícia e, eventualmente, perseguiam os temíveis "Bárbaros", um grupo indígena bravio. Depois de um ano de incertezas, dificuldades de comunicação, tensões internas e visitações do Santo Espírito, os missionários organizaram a primeira expedição de contato, escolhendo cinco dentre os melhores, inclusive Cecil Dye, líder local e membro do Comitê dos Sete. Entraram na mata desarmados, dispostos a permanecer anos se preciso fosse. Esta equipe foi massacrada. Comentando o sonho da mãe de um dos membros da expedição, o historiador da New Tribes confirmou:

"Provavelmente Mrs. Hosbach estava certa. Como a experiência posterior demonstrou, era mesmo assim que os selvagens apareciam: de repente, como se do vazio, uma multidão surgia ao seu redor, uma multidão de corpos despidos e sujos, os rostos escuros e suspeitosos. Será que os homens brancos começaram a cantar? Sim, provavelmente sim".

A notícia do massacre teve muita repercussão nos Estados Unidos, provocando polêmica e mesmo acusações de irresponsabilidade da nova organização missionária. Mas os fiéis a quem as Novas Tribos falavam, apaixonaram-se com o martírio deste primeiro contato, redobrando o seu apoio e multiplicando o número de voluntários. O drama mobilizou a jovem comunidade e ainda hoje é relatado vivamente a cada nova geração de candidatos. Com a fé vigorosa que o caracterizava, Paul Fleming respondeu aos seus acusadores:

"Vidas desperdiçadas? Não, não desperdiçadas mas, investidas: investidas em uma Mina de Ouro de Cor Morena ("Brown Gold")!".

O sacrifício de Paul Fleming,
ou 7 vezes 7, número da vitória sobre a morte

Ao final dos anos quarenta a organização havia crescido muito, contando já com trabalhos em diversos países latino-americanos. A compra de um avião *Douglas DC-3* para aventurosos vôos internacionais foi saudada como prova do sucesso e do arrojo da nova Missão. Em junho de 1950, o *Tribesman* desapareceu a caminho da Venezuela, carregado de missionários que desciam para uma Conferência Continental na Bolívia. A tragédia abalou a opinião pública norte-americana. No entanto, com a ousadia da fé, a diretoria das Novas Tribos anun-

Acervo ISA

ciou no primeiro número seguinte de *Brown Gold* que a Conferência fora apenas adiada de algumas semanas. Já haviam encomendado um outro *DC-3*, embora não tivesse fundos para pagá-lo. Deus seja louvado! Em duas semanas a maior parte do dinheiro necessário para a compra já estava em caixa, e mais continuava a chegar, em milhares de cartas voluntárias. Mas um grande espanto se sucedeu: o novo avião, em sua primeira viagem, chocou-se contra o pico do Mount Moran, lançando à morte boa parte da geração dos fundadores, Paul Fleming entre eles.

A confusão e a dor foram apaziguados pelos versos:

There is no gain but by a loss
We cannot save but by the cross
The corn of wheat, to multiply
Must fall into the ground and die.
O should a soul alone remain
When it a hundred fold can gain?

Poucos meses mais tarde, a New Tribes Mission adquiriu um velho navio de guerra para fazer por mar o transporte dos missionários que deveriam reunir-se na América do Sul.

Isto ocorreu exatamente sete anos passados do martírio do primeiro contato com os "Bárbaros" da Bolívia.

Na última fronteira, um exército de anjos

O drama de Paul Fleming é composto de elementos os mais corriqueiros nos meios evangelicais. Os vários aspetos da exaltação da Vontade Divina por oposição aos Caminhos Mundanos é ladainha constante de cada culto, resumida na fórmula "Seja feita a Sua Vontade....' que deve enfeixar cada oração.

Mas o comum torna-se extraordinário pelo tratamento radical das polaridades que o compõem. Usualmente, as estórias evangelicais têm por clímax a experiência do Novo Nascimento, a narrativa limitando-se a descrever a transformação de vida produzida pela visitação do Santo Espírito. (Maciel, 1980) Na estória de Paul Fleming, ao contrário, o Novo Nascimento encerra apenas o primeiro ato de um drama que prossegue com uma série de crises, cada uma levando mais longe as implicações do que significa "nascer de novo". É somente no ponto limite, nos confins da civilização e na vizinhança da morte, que a *visão* e o *poder* lhe são conferidos.

Neste sentido, pois, a estória é mítica: a biografia de um indivíduo escapa às contingências acidentais e à parcialidade de uma vida entre outras, para apresentar-se como a realização e o aprendizado de um conceito que vale para a sociedade como um todo. A vida de Paul Fleming nos dá um modelo exemplar do que significa ser cristão (fundamentalista e norte-americano) neste mundo.

Na tradição do cristianismo reformado, Paul Fleming demonstra a oposição radical entre a soberania divina e a corrupção irremediável da consciência humana. Progride na carreira da fé desvencilhando-se das pretensões a uma existência autodeterminada, pretensões estas que encontra em si mesmo e nos seus semelhantes os parceiros da sociedade a que pertence. Somente no extremo da renúncia, quando capaz de perceber-se reduzido à condição de um mero instrumento posto à disposição da vontade divina, realiza afinal o seu destino. Somente então assume a verdade da palavra sagrada: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?".

Paradoxalmente, pela lógica do sacrifício, o homem comum, subalterno na hierarquia social, sem quaisquer talentos notáveis, transfigura-se em veículo de um poder absoluto, descobrindo em si mesmo o segredo da onipotência. Daí por diante seus passos terão a firmeza e a autoridade do poder religioso.

Iniciou-se nesta carreira reagindo à dureza da socialização (família, escola, desigualdade econômica, igreja) com uma consciência culposa de insatisfação interior. Foi então guiado pelas lágrimas maternas, sinal da desilusão diante dos sucessos que podem ser alcançados nos caminhos dos homens, mas também resultado da intensidade de um olhar que via mais longe. Mas o passo decisivo, realizado já na maturidade, foi o abandono do emprego e da segurança econômica. Apesar do conceito corrente, o "virtuoso" da religiosidade calvinista, aquele que é sensível à perfeição de sua lógica, não se satisfaz necessariamente com a esfera do trabalho mundano. Os limites estreitos da vocação profissional podem parecer-lhe como amarras que frustram a plenitude da soberania divina e torná-lo miserável. O operário cristão será um "bom

Acervo ISA

operário", mas como tal estará forçado a conciliar realidades opostas. Sua semana é dividida entre os "dias úteis" e o "dia do Senhor"; sua função de instrumento da vontade onipotente deverá ajustar-se à heteronomia da organização econômica. Assim, a ética da responsabilidade esconde uma tensão-conciliação que não é aceitável nos limites últimos da fé. Com a renúncia ao mundo do trabalho, Paul Fleming ultrapassou a esfera do cálculo razoável para "jogar tudo" em Cristo Jesus, lançando-se por inteiro na luta sem tréguas contra o mal que está no mundo. Para que o ascetismo intramundano possa realizar-se como uma ética da eficiência econômica é preciso que seja antes expressão religiosa da negação deste mundo, negação esta que é dramatizada em vocações extraordinárias como a de Paul Fleming.

A busca de uma entrega total poderia encontrar o seu repouso no trabalho exclusivamente religioso do pastoreio de uma igreja. Foi esta a primeira opção de Paul Fleming, num gesto adolescente de imitação da masculinidade do evangelista que lhe trouxe a experiência do "novo nascimento". Por razões que não são bem esclarecidas, esta carreira lhe foi barrada, mas não é a dificuldade da formação pastoral que está destacada na história. Ao contrário, retrospectivamente, parece que cumpriu esta etapa até o momento simbolicamente mais elevado, quando foi chamado a substituir no púlpito o pregador principal. Mas a partir daí, descobriu que era pouco. Guiava-se ainda pelo exemplo de um homem, de um outro, na ilusão de que estaria ali "um homem dos homens" (a man's man); não fora ainda capaz de assumir por si mesmo a universalidade do Homem que está em Cristo. Refletindo sobre esta etapa de sua carreira, comenta que a glória de ser um ministro de Deus nos Estados Unidos da América, que tanto o impressionara e aos seus colegas no campo de treinamento de evangelistas, estava viciada pela facilidade da tarefa. Fácil demais ser cristão nos Estados Unidos, fácil demais ser também corrompido por esta função...

Abre-se então a perspectiva da Missão para um território onde não há nada a defender, tudo a conquistar. Mas no além mares reencontra os vícios de que fugia, com a sede missionária bem radicada numa cidade, acomodada à sua rotina, ocupada nas tramas da "política religiosa". Precisa ganhar a mata para liberar-se dos vínculos que o prendem "ao mundo". Deve desvencilhar-se deles, despir-se dos paramentos que recordam as suas origens, chegar aos limites últimos do *seu* mundo, "a

civilização", e cruzá-los para fazer a luta mais pura no próprio território caótico do inimigo, que é a floresta tropical, e então resgatar estes seres "de outro planeta", que praticamente não fizeram sequer o primeiro nascimento em nosso mundo, as Novas Tribos.

E aí, a última lição. A febre quebra-lhe o corpo, o delírio perturba-lhe o espírito, sugerindo-lhe que não está onde crê estar; oscila entre a solidão na floresta e a sociedade com os seus médicos, nos *States*. Descobre então, na vizinhança da morte, que a luta é maior que as forças do seu corpo. Não será da sua matéria que Deus forjará o instrumento que necessita. Renunciando também a ela compreenderá finalmente o segredo da onipotência: "é quando estou mais fraco, que estou mais forte".

Agora, de volta aos Estados Unidos, caminhará num ritmo imperceptível aos homens comuns. Será investido do poder de comandar não apenas o aplauso e a colaboração do seu semelhante, mas como diz textualmente, de exigir "a sua vida". Poderá romper efetivamente com as estruturas complascentes do "cristianismo mole" destes tempos, formando um exército de soldados dispostos a tudo pela causa. A linguagem militar, construída sobre a exaltação da morte voluntária num campo de batalha de estrutura maniqueista ("nós *versus* o "inimigo"), ajusta-se bem à mensagem de Paul Fleming. Absorveu, sem dúvida, elementos do contexto da Guerra Mundial em que se formou, mas sua doutrina não encontra melhor paradigma que o militar. Ainda hoje, as forças armadas norte-americanas fornecem-lhes o principal gerador de imagens para a propaganda missionária. Trata-se, contudo, de uma guerra sem armas de fogo, feita por guerreiros que devem imitar o exemplo do Fundador, despindo-se de todos os interesses que os prendem à sua terra de origem. Será pois uma força de outro nível, algo assim como um exército de anjos.

Orem por nós!

Já vimos que os missionários das Novas Tribos subsistem graças a doações voluntárias dos fiéis de igrejas locais norte-americanas que respondem ao apelo chegado da linha de frente com a súplica "Orem por nós!". A dependência das ofertas é parte destacada da ética sacrificial dos missionários. E as palavras de apoio pronunciadas de pé ou de joelhos, com os olhos cerrados e a mente iluminada pela imaginação, criam um vínculo estreito e interno entre as expedições mais longín-

Acervo ISA

quas e a vida cotidiana das congregações *back home*. Com efeito, o próprio aspeto empresarial da Missão seria impossível sem as orações. É por elas, portanto, que tentamos precisar o sentido da "opção pelos índios" dos seguidores de Paul Fleming.

Poderíamos imaginar vínculos funcionais menos etéreos do que palavras pronunciadas num contexto de reverência devocional. As acusações dirigidas contra as Novas Tribos são com freqüência mais terra-a-terra, mencionando supostos serviços em empresas multinacionais e mesmo a departamentos de espionagem. Embora casos assim possam eventualmente ocorrer, não nos parece que seja característicos da organização em geral. No entanto, ainda que fossem, não bastariam para explicá-la. Antes, indicariam usos que empresas e governos podem fazer de uma atividade de inspiração religiosa — mas, parece óbvio, para que uma crença religiosa possa ser "utilizada" por interesses econômicos ou políticos, é preciso que já esteja lá, como crença na qual de fato se crê, religiosamente. Não é a busca do lucro ou da informação policial que cria este estranho fluxo de norte-americanos para as regiões menos "civilizadas" da terra. Vão mesmo "converter os selvagens", objetivo que só faz sentido tendo em vista o conjunto da prática devocional da comunidade que os sustenta. Se cumprem outras funções e se têm alguma importância no quadro do indigenismo e das relações internacionais, é porque as palavras devocionais não são tão etéreas assim, e as orações de fato criam poder.

Resumindo então o sentido desta opção missionária, diríamos que ele se expressa em várias esferas, cada uma delas elaborando uma variação do tema comum de *uma luta de conquista nas últimas fronteiras deste mundo*.

No plano estritamente religioso, coincide com o campo das organizações eclesiásticas norte-americanas, a carreira de Paul Fleming é apresentada como modelo da doutrina fundamentalista do julgamento de Deus sobre a criação. Opõe-se ao "mundanismo" da teologia liberal, assim como à complascência do gozo místico de inspiração pentecostal. Está mais próximo da vertente calvinista que prega o domínio sobre o mundo e sobre si mesmo como a forma agradável a Deus de manifestação da sua soberania.

Neste contexto, Paul Fleming radicaliza o lado negativo da "ascese intra-mundana" de que falava Max Weber, representando a luta de todo dia como uma guerra final. Não é um

líder messiânico — sua crise diante da máquina cheia de válvulas da refinaria não foi resolvida com um clamor para que todos abandonassem as fábricas; longe dele o mito de uma greve geral... Sua renúncia não consiste numa negação do cotidiano, mas na representação deste mesmo cotidiano em termos superdramáticos: a calmaria aparente do dia-a-dia esconde um conflito ontológico que se torna plenamente visível apenas lá onde a Palavra de Deus não foi ainda sequer pronunciada, onde a Lei se confronta com a sua negação mais pura.

Enfatizando uma das versões possíveis da dimensão heróica da ética calvinista, Paul Fleming recupera também a sua escatologia: o objetivo maior da disciplina protestante não é acumular o capital, como às vezes se diz de maneira simplificada, que perde o objeto que pretende captar, ignorando também as múltiplas significações que pode assumir.(9) O sentido desta ética está na proclamação da glória de Deus, a qual há de se estabelecer em plenitude quando o Verbo for pronunciado em todas as línguas da terra.

Em síntese, as orações que são feitas em prol destes guerreiros da fé implicam um reconhecimento e uma participação na guerra em que estão empenhados. E, inversamente, graças a eles a mensagem rotineiramente dominical das paróquias fundamentalistas ganha consistência e vitalidade. As orações suplicadas em apoio aos que assumem as últimas conseqüências da expressão de obediência "Seja feita a Sua Vontade", são orações que dão sentido ao próprio ato de orar.

No plano mais abrangente do campo ideológico, mencionamos a associação existente entre as correntes fundamentalistas e a figura do WASP (White Anglo Saxon Protestant), a imagem do

9. Interessado em estabelecer os fundamentos religiosos de uma ética econômica, Weber não desenvolveu esta dimensão heróica do calvinismo, embora a tenha reconhecido ao considerar o envolvimento puritano na revolução inglesa. A própria "teocracia" na Genebra de Calvino indica a importância que a dimensão política pode assumir nesta tradição religiosa. Que seus princípios podem ser associados a diversas posições ideológicas, indica-o por exemplo a "teologia revolucionária" de um Richard Shaull, inspiradora do movimento estudantil e da intelectualidade protestante de esquerda na América Latina na década de 1960. Em seus escritos, o conceito de "soberania sobre o mundo" era elaborado em termos de uma "soberania sobre a história", e a ética da responsabilidade implicava um compromisso com o julgamento de Deus sobre as estruturas conservadores que aprisionam o Verbo, negando a promessa escatológica de libertação. (Shaull, 1955, 1962, 1967)

Acervo ISA

protestante branco anglo-saxão que se quer portador da verdadeira identidade americana. O ritual do "Novo Nascimento" é aqui duplamente significativo: matriz religiosa da gênese da identidade americana; e também, num quadro de representações geográficas, sinal do ressurgimento das regiões derrotadas pela guerra civil.

Neste contexto, a pregação de Paul Fleming retoma o sentido expansionista e propriamente missionário da *White America*. Atualiza a doutrina do *Manifest Destiny* elaborada no século XIX, segundo a qual os Estados Unidos teriam não só o direito como o dever de expandirem-se através de todo o continente norte-americano, cumprindo missão civilizadora. (Segal e Stineback, 1977). A representação dos "povos ainda não alcançados" (expressão comum para nomear as "novas tribos") como vivendo sem lei, ou num regime de medo que é expressão do próprio contrário da Lei, tem um valor decisivo para a justificação do expansionismo do "modo de vida americano". Justamente por se lançar sobre povos tão despojados das riquezas da civilização, ela supera quaisquer contaminações com interesses menos nobres do imperialismo, descobrindo em seu horizonte uma esfera de fins, valores puros, obrigação, gesto de sacrifício. Para que o imperialismo se justifique ideologicamente, é preciso que em algum sentido seja desinteressado. A gratuidade do esforço para implantar uma casinha americana no ambiente insólito da floresta ou do cerrado valoriza os seus fundamentos.(10)

10. O sentido linearmente funcionalista desta tese precisa ser qualificado. Embora corrobore a expansão econômica e política do imperialismo norte-americano, para que possa fazê-lo em termos religiosos, a Missão precisa marcar a diferença dos seus fins em relação aos objetivos dos empresários e dos diplomatas. E diferença é oposição, em algum sentido. O contraste entre os que buscam o ouro metálico e os que procuram o "ouro de cor morena", que são as pessoas, é um tema comum no discurso das Novas Tribos. E o contraste que gera a força da justificação ideológica pode também gerar um antagonismo mais profundo que oponha o sentido da missão aos objetivos econômicos e políticos do Império. Este antagonismo não se verifica na literatura e na prática das Novas Tribos, mas tem ocorrido em outras instâncias. A Latin American Mission, organização fundamentalista e agressivamente evangelizadora, de orientação explicitamente anticomunista na década de 1960, passou por crises internas que a lançaram em uma orientação surpreendente na última década: elaborou uma versão fundamentalista da teologia da libertação, incluindo o anti-imperialismo na sua prédica evangelizadora. Ver a respeito o periódico *Latin American Evangelist*, e o livro de Orlando E. Costas, principal teórico da Latin American Mission em sua nova fase, *The Church and its Mission: A shattering critique from the Third World*, 1974.

Dito isto, há uma pergunta que seria interessante esclarecer: por que o crescimento da atração das missões indígenas a partir da década de trinta? A pureza da missão indígena como princípio valorativo do *Manifest Destiny* já estava presente em períodos anteriores. E o sentido civilizador da ideologia WASP é comum à maior parte das agências de missão fundamentalistas e evangelicais, dirijam-se ou não às sociedades tribais. Necessitamos pois de uma explicação adicional.

Uma das razões possíveis talvez esteja nas conseqüências da hegemonia liberal sobre o *mapa mundi* das culturas humanas imaginado no contexto religioso norte-americano. Vimos que no entre-guerras a teologia liberal, predominante nas principais denominações, passou a questionar o sentido das missões tradicionais. A promoção do ecumenismo, por outro lado, diluiu os traços do antagonismo com o mundo católico-romano, tanto na esfera internacional quanto no relacionamento com as minorias católicas internas. O combate ao catolicismo que entusiasmara as missões na guerra contra a Espanha por Cuba e pelas Filipinas no final do século passado, perdeu muito do seu impacto no novo contexto. A palavra de ordem "A Invasão Protestante da América Latina", expressa em título de um livro de repercussão no início do século, passaria a causar polêmica, senão embaraço. Embora, indiretamente, a visão ecumênica afetou mesmo a imagem das demais "Grandes Religiões do Mundo", enfraquecendo os contrastes maniqueistas justificadores de uma missão definida como conquista. Num espírito associado ao de Woodrow Wilson, quando propôs a criação de uma Liga das Nações para reger a competição entre os Estados com normas de civilidade que substituissem a solução da guerra, o *establishment* religioso afastou a demonologia do quadro descritivo dos contrastes existentes entre as religiões maiores do mundo.

É provável, portanto, que as correntes fundamentalistas, cuja ética maniqueista era ameaçada pelo movimento ecumênico, tenham a contragosto sofrido as conseqüências da diluição da imagem negativa da Igreja de Roma. A mensagem de guerra santa à "idolatria papista" e às divindades de outras civilizações continuou a ser proclamada e a render dividendos, mas em termos relativos passou a render menos do que o projeto de "resgatar os selvagens". Aqui o antagonismo religioso é complementado por um princípio mais conciliável com os valores liberais dominantes, qual seja a idéia caridosa de uma ação univocamente civilizadora.

Acervo ISA

No sentido inverso, esta hipótese sugere que missões como as Novas Tribos, alimentam ideologicamente as tendências mais beligerantes da política exterior norte-americana — não por servirem aos departamentos de espionagem, mas por serem capazes de discursar sobre as relações internacionais em termos que são a um tempo estritamente religiosos e abertamente militaristas.

Com efeito, a mensagem surpreendente de Paul Fleming, que em plena guerra mundial anunciava a existência de uma guerra maior no interior longínquo das florestas tropicais, não era desprovida de realidade. Apoiava-se no princípio da renúncia, dos fins desinteressados que atraem adesões voluntárias e lhes conferem um poder simbólico fora do comum. Pela afirmação existencial do reino dos fins, o voluntariado, ainda que pouco pragmático, ou antes por isto mesmo, desempenha um papel decisivo na construção dos sistemas ideológicos a que dão fé.

Bibliografia

AHLSTROM, Sydney E. *A religious history of the American People*, 2 vs. Doubleday, New York, 1975.

ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*, Ática, SP, 1979.

BENNETT, John C. *Christianity and Communism*, Haddam House, New York, 1948.

BERGER, Peter L. "A Market Model for the Analysis of Ecumenicity", in *Social Research*.

Brown Gold, Sanford, Florida.

COSTAS, Orlando E. *The church and its mission: a shattering critique from the third world*, Tyndale, Wheaton, 1974.

Religion in America, Dædalus, Winter, 1967.

EDWARDS, Fred E. *The role of the faith mission — a Brazilian case study*, William Carey Library, Pasadena, California, 1971.

FEAGIN, Joe R. "Prejudice and religious types: a focused study of southern fundamentalists", in *Journal for the Scientific study of religion*, Fall, 1964.

FURNISS, Norman F. *The Fundamentalist Controversy*, New York, 1957.

HERBERG, Will. *Protestant, Catholic, Jew*, revised edition, Doubleday, 1960.

HOCKING, William E. *Re-thinking missions — a laymen's enquiry after one hundred years*, Harper &Brothers, New York, London, 1932.

History of New Tribes Mission, Brown Gold Publication Woodworth, Wisconsin, 1977 (primeira ed. 1962).

KELLEY, Dean M. *Why Conservative churches are growing*, Harper and Row, New York, 1972.

Latin American Evangelist.

KRAEMER, Hendrik. *The christian message in a non-christian world*, Edinburgh House Press, London, 1938.

LINDSELL, Harold. "Faith missions since 1938", in Wilber C. Harr (ed.) *Frontiers of the Christian World Mission since 1938*, Harper and Brothers, New York, 1962.

LATOURETTE, Kennet Scott. *The Great Century: The Americas, Australasia and Africa, 1800 — 1914, in A History of the Expansion of Christianity*, Vol. 5, Harper and Row, New York, 1943.

MACIEL, Elter. *A ficção batista, Cadernos de Iser*, Tempo e Presença, Rio de Janeiro, 1980.

Mission Handbook, 11th ed., Marc, 1976.

NEILL, Stephen. *A history of Christian Mission*, Penguin, 1964.

Niebuhr, H. Richard. *Radical monotheism and western culture*, Harper, New York, 1943.

Cristo e Cultura, Paz e Terra, 1967.

PARKER, Joseph (ed.) *Interpretative statistical survey of the world mission of the Christian church*, New York, 1938.

QUEBEDEAUX, Richard. *The Young evangelicals*, 1974.
The new charismatics, 1976.
The worldly evangelicals, Harper and Row, New York, 1978.

READ, William et al. *Latin American Church Growth*, Grand Rapids, 1969.

Brazil 1980: the protestant handbook, Marc, Monrovia, California, 1973.

ROUSE, Ruth, Neill Stephen, Fry, Harold: *History of the Ecumenical Movement World*, Council of Churches, 2 vs.

SEGAL, Charles M. e Stineback, David C. *Puritens, Indians and Manifest Destiny, Putnam's* Sons New York, 1977.

SHAULL, Richard. *Encounter with Revolution*, Association Press, 1955.

Alternativa ao desespero, Imprensa Metodista, 1962.

TILLICH, Paul. *Christianity and the the encounter of the world religions*, Columbia University Press, New York, 1963.